

# Crianças refugiadas em seus deslocamentos: uma dupla representação

Refugee children in their displacements: a double representation

Los niños refugiados en sus desplazamientos: una doble representación

---

FABÍOLA RIBEIRO FARIAS<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo trata da representação de crianças refugiadas em livros ilustrados. Contextualiza a literatura infantil no país, explorando temas considerados sensíveis, com ênfase nos políticos, discutindo ainda sua transformação em produto pelo mercado editorial. Expõe o livro ilustrado como expressão criativa e analisa quatro livros ilustrados sobre o tema. Conclui que a representação da infância nas obras selecionadas se dá de forma indissociável da presumida para seu leitor ideal, isto é, crianças que narram suas experiências, tendo em outras o exercício de escuta.

**PALAVRAS-CHAVE:** Infância; migrações forçadas; livros ilustrados.

**ABSTRACT:** This paper deals with the representation of refugee children in illustrated books. It contextualizes brazilian children's literature, exploring topics considered sensitive, with an emphasis on those with a political focus, also discussing their transformation into a product by the publishing market. It exposes the illustrated books as a creative expression and analyzes four illustrated books on the topic. It concludes that the representation of childhood in the selected works is inseparable from that assumed for its ideal reader, that is, children who narrate their painful experiences, having in others the exercise of listening.

**KEYWORDS:** Childhood; forced migrations; illustrated books.

1. Instituto de Ciências da Educação/Universidade Federal do Oeste do Pará.

**RESUMEN:** El artículo trata sobre la representación de niños refugiados en libros ilustrados. Contextualiza la literatura infantil en el país, explorando la presencia de temas considerados sensibles, con énfasis en los de corte político, discutiendo también su transformación en producto por el mercado editorial. Expone el libro ilustrado como expresión creativa y analiza cuatro libros ilustrados sobre el tema. Concluye que la representación de la infancia en las obras seleccionadas se da de forma indisoluble de la presumida para su lector ideal, es decir, niños que narran sus experiencias dolorosas, teniendo en otros el ejercicio de escucha.

**PALABRAS CLAVE:** Infancia; niños refugiados; libros ilustrados.

## INTRODUÇÃO

Em julho de 2018, a Revista Piauí publicou um longo texto sobre refugiados africanos na Europa, intitulado *No rastro de Boubacar*. De autoria da poeta, escritora e tradutora argentina Mori Ponsowy, relata as experiências de crianças, adolescentes e jovens que fugiram de seus países para sobreviver a violências étnicas, religiosas e políticas.

Boubacar era um menino de nove anos quando, na Mauritània, homens árabes armados com facões invadiram sua casa, mataram seu pai e sua mãe e o venderam como escravo. Por vinte e cinco anos, ele viveu sob violência física e psicológica de distintos “donos”, perambulando por muitos países até chegar à Itália, em fuga, aos trinta e quatro, sozinho, amedrontado, sem documentos, sem referências linguísticas e culturais, sem lugar.

Aguibou, nascido na Guiné, deixou seu país em 2009, com cerca de quatorze anos, fugindo da guerra entre militares e rebeldes. Sempre sozinho e enfrentando dificuldades nas fronteiras, passou por Serra Leoa, Libéria, Mali, Argélia, Líbia, Malta, Espanha e França, até chegar à Itália. Como Boubacar, atravessou o deserto a pé e machucado.

Bryan, um jovem estudante de Economia, católico, fugiu de Camarões por causa de perseguição política. Ao reivindicar pacificamente os direitos dos estudantes anglófonos do país, de maioria francófona, seu pai foi assassinado e sua mãe presa, posteriormente morrendo na prisão. Fugiu e atravessou o deserto de carona com um caminhoneiro muçulmano e enfrentou problemas como os relatados por Boubacar e Aguibou.

Adije foi vendida pela madrasta aos dezoito anos na Nigéria e submetida à prostituição, à fome e a maus tratos em diferentes países. Nas vezes em que ficou grávida, seus bebês foram vendidos. Chegou a Nápoles pelo mar e continuou se

prostituindo para sobreviver, até ser acolhida por um programa de proteção a refugiados. Descobriu-se grávida e contaminada com HIV nos primeiros meses na Itália.

As histórias de Boubacar, Aguibou, Bryan e Adije são uma pequena amostra do que acontece a milhares de pessoas que forçadamente deixam seus países, fugindo de violências e buscando a sobrevivência em outros lugares, mesmo que estes se circunscrevam ao caminho. Vistas como uma massa sem rosto, pessoas sozinhas e em grupos, de todas as idades, se deslocando por terra e mar, constituem o que o senso comum nomeia, sem nuances, como refugiados. Neste bloco, estão aqueles em migrações forçadas, à deriva no mundo, especialmente, mas não exclusivamente, saindo de países africanos em direção aos europeus, em busca de vidas protegidas e de oportunidades para sua sobrevivência.

Com destaque no noticiário e em discursos xenofóbicos e alarmistas, principalmente de grupos políticos de extrema direita, que resumem migrantes forçados a ameaças aos empregos e às contas públicas dos países a que chegam, a condição de tais pessoas constitui um dos mais complexos problemas contemporâneos em todo o mundo.

Muitos abraçaram a lógica da nação. Mesmo aqueles que tinham uma inspiração cosmopolita, descobriram-se patriotas, negando e renegando os velhos ideais. Por que os trabalhadores italianos, ingleses, franceses, alemães deveriam arcar com a miséria dos outros? Poucos ousaram erguer a voz para falar de hospitalidade. Os discursos populistas levaram a melhor, fomentando o ódio, cultivando o medo, associando sutilmente o terrorismo à imigração. Estava fundada a nova fobocracia. (CESARE, 2020, p. 155)

O medo se torna um potente discurso sobre os refugiados, esvaziando a hospitalidade e interditando o exercício humanitário. Com momentos de maior ou menor tensionamento, orientados pela visibilidade que campos de refugiados lotados e embarcações à deriva no mar alcançam na imprensa e em redes sociais, ao mesmo tempo que países ricos fecham suas fronteiras e se recusam a acolher humanitariamente crianças, jovens e adultos, o tema se impõe ao mundo. E, claro, às criações artístico-culturais que narram os sonhos, os medos, as angústias, a esperança e as grandes questões humanas em qualquer tempo.

Assim como em filmes e espetáculos teatrais, na literatura, na música e nas artes visuais, os deslocamentos de migrantes forçados se fazem tema na produção editorial para crianças, em obras literárias e de não ficção, em narrativas que tratam de fugas, tempos de espera e chegadas, quase sempre marcadas por hostilidades, em outros países.

Estes livros constituem uma complexa e abrangente narração da infância, uma vez que, em sua maioria, são as crianças as personagens das histórias contadas, ao mesmo tempo que são elas suas leitoras ideais. É importante chamar a atenção para o fato de que as leituras na infância, quase sempre no espaço escolar, especialmente no que toca às classes populares, delimitam e autorizam os jeitos de ser criança no país por meio das histórias que contam.

As experiências de infância presentes na literatura oferecida aos pequenos – e também aos adultos que deles cuidam, como pais, mães e educadoras – compõem uma espécie de catálogo que orienta valores e relações, afirmando ou negando existências concretas que, direta ou indiretamente, tocam a toda a sociedade. Da mesma maneira, as ausências contribuem para o apagamento de sujeitos e grupos. Em uma relação simbiótica, os livros de literatura para este público narram as experiências de infância visíveis na vida social, assim como contam aos pequenos e aos adultos que com eles lidam sobre os muitos jeitos de ser criança, alguns deles completamente alheios ao repertório de determinados grupos.

Tendo isso em vista, este artigo se propõe a apresentar e analisar a representação de crianças refugiadas em livros ilustrados publicados no Brasil. Para isso, apresenta um breve panorama histórico da literatura para crianças no país, explorando a presença de temas considerados sensíveis nos livros para a infância, com ênfase nos de recorte político, discutindo também sua transformação em produto pelo mercado editorial, em detrimento da experiência literária. Expõe o livro ilustrado como expressão criativa em suas especificidades, destacando a potência narrativa construída com textos verbais e imagens e, por fim, apresenta e analisa publicações de livros ilustrados sobre o tema em questão, no recorte proposto.

#### 1. LITERATURA E INFÂNCIA NO BRASIL: SUJEITOS E HISTÓRIAS, CRIAÇÃO LITERÁRIA E OPORTUNIDADES EDITORIAIS

Desde meados da década de 1970, com o chamado “boom” da literatura infantil e juvenil brasileira, os livros para crianças e adolescentes tomam como matéria a existência humana em sua complexidade, deixando em segundo plano as conhecidas narrativas para a instrução e a conformação da infância. Em disputa com histórias edulcoradas e moralistas, que exaltavam uma pátria idealizada e escamoteavam suas contradições e injustiças sociais, a produção literária que emerge na década de 1920, com Monteiro Lobato, abre caminhos para a problematização

de concepções de infância que consideravam a criança um sujeito limitado e sem agência, sempre em obediência e concordância com os adultos, submetidas aos temas que estes elegiam como adequados.

Nos anos finais da ditadura civil-militar consolidam-se no Brasil a criação e a edição de livros que celebram a sensibilidade e a inteligência das crianças, oferecendo a elas histórias e personagens como elas mesmas, atravessadas por experiências sociais, econômicas e culturais concretas, além de uma abertura para vieses inventivos e introspectivos, até então raros no segmento.

As crianças, até então sujeitadas a leituras pedagógicas e patrióticas em favor de sua conformação a uma concepção de infância conservadora e sem agência, passam a ler suas próprias experiências e sentimentos, em construções que tocam, para além do conteúdo, à linguagem, que se torna, também, matéria literária. A língua e a literatura tornam-se jogo, objeto de criação e experimentação, em poemas e narrativas em prosa. A subjetividade infantil entra em cena, convidando as crianças a pensar e a fabular sobre si mesmas e sobre sua relação com os livros e o mundo. Temas até então ausentes dos livros para a infância vêm à tona, reinventando esta produção.

Os conflitos e contradições sociais escamoteados ou simplesmente ausentes, até então, da literatura infantil surgem em narrativas com o questionamento de personagens autoritários, em evidente referência à ditadura brasileira. O sentimento patriótico é substituído por histórias de miséria e injustiça, um retrato do Brasil naquele momento. As crianças sempre felizes e obedientes dão lugar a sujeitos questionadores, contraditórios e com sentimentos complexos. Enfim, temas que, naquele momento, afetavam o país se colocam intensamente na criação literária para as crianças, alterando significativamente as concepções predominantes sobre este sujeito.

Obviamente, a ampliação temática e, especialmente, o advento de abordagens consideradas sensíveis na literatura infantil, que nunca alcançaram consenso entre autores, editores, educadores e famílias, não passaram despercebidos pela indústria editorial, sempre atenta às oportunidades econômicas guardadas pela infância. Tão logo temas sensíveis começaram a figurar nos livros para crianças, impactando na qualidade desta produção e expandindo as experiências destes leitores com a literatura, o que significava um avanço foi capturado como produto. As narrativas da experiência humana e da vida em sociedade que emergiram neste período não demoraram a ser tomadas como histórias para tratar de temas considerados importantes, especialmente no ambiente escolar.

É difícil rotular e classificar obras genuínas ou oportunistas neste contexto. Os discursos se misturam e o limiar entre a criação literária e o negócio editorial se mostra difuso, a princípio. O desejo de narrar histórias e personagens que por tanto tempo foram silenciados gera condescendência, mas o distanciamento temporal e o instrumental crítico elaborado por pesquisadores mostram que não basta tratar disto ou daquilo, mas que é preciso criar intensidade e deslocamentos na escrita, para que a leitura das crianças não seja circunscrita ao utilitarismo, como afirma María Teresa Andruetto:

O mundo não está de um lado e a arte, de outro. Tudo está junto, porque estamos imersos no social. Toda consciência é consciência do mundo; e, por não ser de todo clara, por não ser direta, por não ser funcional, por permanecer em algum ponto opaca é que uma obra *nos fala*. É nessa vacilação, nessa opacidade, nessa disfuncionalidade e nessa rarefação de sentido que está o que uma obra tem para nos dizer. (ANDRUETTO, 2012, p. 121).

Hoje, mais que nunca, a urgência de contar histórias silenciadas e a demanda de afirmar valores, especialmente os de alguns grupos específicos, adensa a discussão sobre qualidade na literatura infantil. Mesmo com avanços na compreensão da infância pelos estudos sociológicos, antropológicos, psicológicos e pedagógicos, entre outros campos do conhecimento, a ideia de que as crianças precisam estar sempre sendo orientadas e aprendendo, mesmo em situações que não são objetivamente de aprendizagem, prevalece na produção editorial para este público. Ainda que de maneira subliminar, livros para sensibilizar os pequenos sobre questões sociais e políticas ou para transmitir valores que por si nada têm de questionáveis, como a solidariedade, a empatia e a consciência ambiental, por exemplo, são publicados como literatura.

É inegável a urgência de ampliação de vozes, de histórias, de temas e de experiências na literatura infantil, assim como na produção literária para jovens e adultos, mas é preciso cuidar para que a criação e a edição para este público não se tornem panfleto ou manuais sobre modos de vida, como destaca Andruetto:

O debate social, os pobres, os que discriminam ou são discriminados, os que não têm memória, a violência familiar e social, a ditadura e tantos outros assuntos podem ser temas da literatura, claro que sim. Podem sê-lo, assim como outros temas, sempre e quando houver ali intensidade. Os valores não são universais nem existem de modo abstrato, tampouco são iguais para todos os povos ou para todas as classes sociais. (ANDRUETTO, 2012, p. 123-124)

Em tempos de recrudescimento do conservadorismo no Brasil, com ataques diretos e violentos a pessoas e ideias divergentes às do grupo de extrema direita que por quatro anos governou o país e segue majoritariamente no poder legislativo, há um movimento condescendente, especialmente por parte de pesquisadores e intelectuais comprometidos com as lutas progressistas corajosamente pautadas por movimentos sociais, com o engajamento nos livros para crianças. Obras de cunho feminista, antirracista, ambientalista e anticapacitista, entre outras abordagens, cumprem o importante papel de convidar os pequenos leitores a refletir sobre suas reivindicações, mas, muitas vezes, deixam em segundo plano a criação literária, a intensidade de que fala Andruetto (2012).

Em muitas publicações, o compromisso com pautas específicas, motivadoras da escrita, se sobrepõem à criação literária. As certezas das causas em questão restringem o exercício de construção de sentidos, de mobilização de repertórios simbólicos e de referências culturais das crianças leitoras ou ouvintes de leituras feitas por adultos que, na literatura infantil, são provocados por textos e imagens.

O cenário atual é complexo, imbricado e dinâmico. De um lado, a tutela sobre a literatura infantil, inabalada no Brasil, ampliou e aprofundou seu alcance, investindo na caça a narrativas e personagens que contam histórias que problematizam os principais valores de grupos dominantes ou quantitativamente significativos, como os religiosos, especialmente aquelas que tratam de injustiças sociais, promovem os direitos humanos e invocam a memória de períodos autoritários no país, ao lado da constante vigilância sobre temas como orientações sexuais e de gênero.

Ao mesmo tempo, tais abordagens, consideradas sensíveis e inadequadas por grupos conservadores, se reinventam e se fazem demandadas por outros grupos nos livros para crianças, em produtos, que pouco têm a ver com a criação literária, que ajudam a difundir, a explicar e a entender questões sociais e políticas prementes na atualidade.

Mas existem, claro, obras literárias para a infância comprometidas não com pautas consideradas importantes em determinados momentos, mas sim com o fazer artístico, que, tomado pelo espírito de seu tempo, faz de suas questões matéria de criação. Estas não estão preocupadas com a disseminação desta ou daquela visão de mundo, embora contribuam para a ampliação e a diversificação do repertório simbólico de seus leitores. Para além de informar sobre um assunto, tarefa de gêneros textuais não literários, a literatura lida com sutilezas e minúcias que não se limitam a contar sobre alguma coisa, mas que convidam o leitor a fazer disso uma experiência, em exercícios de identidade e alargamento de fronteiras, já na infância.

Neste contexto, entre o conveniente e o literário, está a publicação de livros para crianças sobre migrações forçadas e refúgio. Indiscutivelmente necessária, tal produção não escapa à tutela e às conveniências do mercado, que, ao fim e ao cabo, atende e molda demandas, enlaçando escritores, ilustradores, editores e educadores ansiosos por oportunidades, os primeiros, e soluções, os últimos.

## 2. REFÚGIO E LITERATURA PARA CRIANÇAS: CONCEITOS E PERSPECTIVAS

A Convenção das Nações Unidas Relativa ao Estatuto dos Refugiados, de 1951, define como refugiada a pessoa que teme

ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele. (ACNUR, 1951).

Referindo-se, inicialmente, à Europa e a períodos anteriores a 1951, tendo no horizonte os refugiados oriundos da Segunda Guerra Mundial, em 1967, por meio de um Protocolo, o documento passa a abranger todas as pessoas que se enquadram na definição, sem limites de data ou de espaço geográfico.

Em 1984, a Declaração de Cartagena, adotada pelo Colóquio sobre Proteção Internacional dos Refugiados na América Central, México e Panamá: Problemas Jurídicos e Humanitários, realizado na Colômbia, entre 19 e 22 de novembro de 1984, decide promover nos países da região a adoção de normas para a implementação da Convenção das Nações Unidas Relativa ao Estatuto dos Refugiados e seu Protocolo que amplia o alcance temporal e geográfico, estabelecendo que a definição de refugiado para a região

além de conter os elementos da Convenção de 1951 e do Protocolo de 1967, considere também como refugiados as pessoas que tenham fugido dos seus países porque a sua vida, segurança ou liberdade tenham sido ameaçadas pela violência generalizada, a agressão estrangeira, os conflitos internos, a violação maciça dos direitos humanos ou outras circunstâncias que tenham perturbado gravemente a ordem pública. (ACNUR, 1984).



O Brasil, por sua vez, acata as definições da Convenção de 1951 e da Declaração de Cartagena na Lei 9.474, de 22 de julho de 1997, que é considerada uma das mais avançadas leis nacionais sobre a proteção de pessoas refugiadas.

O número de pessoas definidas pelos documentos supracitados como refugiadas ampliou-se significativamente nas últimas décadas: de acordo com a Agência da ONU para Refugiados – ACNUR, em 2023 havia 36,4 milhões de pessoas nessa condição no mundo. Os motivos para os deslocamentos forçados seguem os mesmos, ressaltadas suas reinvenções e novas formas de violência.

Tudo isso faz com que o tema, que inclui os discursos de ódio e xenófobos contra os refugiados, ocupe, cada vez mais, a opinião pública, que se divide entre o acolhimento humanitário de pessoas nesta condição e a recusa, por motivos os mais diversos, em aceitá-las em seus países.

De um lado, as pessoas e grupos que deixam seus países por causa de perseguições e violências políticas e religiosas, muitas vezes diretamente ligadas a pertencimentos étnico-raciais, são compreendidas em seu direito de proteção à vida, à busca de condições dignas de sobrevivência e ao que determina a Declaração Universal dos Direitos Humanos em seus artigos 13 e 14: o direito de deixar seu país e a ele regressar, e, sendo vítima de perseguição, de procurar e gozar de asilo em outros países. De outro, são vistas como ameaça a empregos, à segurança pública, à identidade cultural nacional, à estabilidade nos direitos sociais dos países aonde chegam ou tentam chegar, entre outros aspectos que ancoram o sentimento, muitas vezes inconsciente, de “nós” contra “eles”.

Nessa perspectiva, “nós” são os donos do território protegido por fronteiras e pelo Estado, irmanados por línguas e práticas culturais e religiosas, beneficiários de direitos e cumpridores de deveres. “Eles” são intrusos que rompem o equilíbrio e desorganizam a vida coletiva e as contas públicas, sem sequer ser considerados indivíduos – homens, mulheres, crianças, adolescentes, velhos; pais, mães, filhos, irmãos, primos, avós, netos, parentes, amigos –, mas sim um bloco, uma massa de pessoas sem lugar no mundo, sem rostos, nomes e histórias.

Essa generalização é devastadora para o entendimento coletivo amplo sobre o refúgio, especialmente na ordem dos direitos humanos:

Se não é possível se colocar no lugar de um outro, há condições de, pelo menos, imaginar a dor dos outros, o sofrimento, a angústia, o tormento. O trabalho da imaginação, porém, não é facilitado pelas imagens correntes, que não revelam os contornos

individuais, as características e peculiaridades do indivíduo. A imaginação é eclipsada pelo número, inibida pela massa. (Cesare, 2020, p. 148).

As muitas imagens de embarcações abarrotadas, de filas imensas de pessoas andando por estradas, de campos de refugiados superpovoados por crianças, adolescentes, adultos e velhos em situação de precariedade, entre outras, constroem um discurso único sobre o assunto e desinvestem as pessoas de suas singularidades, desumanizando-as.

Neste contexto, a infância, embora sensibilize de maneira mais imediata a opinião pública, se dilui na massa. As fotografias e vídeos veiculados pela imprensa e reproduzidos em redes sociais causam espanto e dor em quem, a distância, assiste ao desamparo de milhares de crianças, mas logo são absorvidas e naturalizadas no cotidiano, junto a muitas outras misérias humanas, algumas mais urgentes e incômodas, em função de sua proximidade – as fotografias do corpo do pequeno Aylan Kurdi, de apenas três anos de idade, vítima fatal de uma travessia por mar, encontrado na praia de Bodrum, na Turquia, em setembro de 2015, são um exemplo disso.

Na literatura infantil, textos e imagens narram situações de hostilidade nos países de origem, partidas apressadas, tristes separações, longas e exaustivas caminhadas, intermináveis esperas, situações de frustração e desespero nas fronteiras, a dor das inevitáveis perdas e as muitas dificuldades – linguísticas, culturais, religiosas, laborais – na reconstrução da vida nos lugares onde conseguem se estabelecer.

No Brasil, quase toda essa produção editorial é estrangeira, em traduções para o português brasileiro. Embora o país reconhecesse, em 2022, segundo a ACNUR, sessenta e cinco mil refugiados em seu território, ainda são poucas as obras literárias de autores nacionais sobre o tema. Dessas, a maioria é de textos longos, voltados para pré-adolescentes e adolescentes.

Entre as obras dedicadas à infância, destacam-se os livros ilustrados, cujas narrativas são criadas com palavras e imagens, tendo as páginas e a materialidade do livro como elementos constituintes das histórias contadas.

Diferentes dos livros com ilustrações, preponderantes na produção editorial brasileira até bem pouco tempo, em que as imagens ornamentam ou interpretam o texto verbal, os livros ilustrados têm como exigência a indissociabilidade entre palavras e imagens, que atuam juntas, ainda que muitas vezes em sentidos distintos, para contar uma história.

Na maioria dos casos, as ilustrações funcionam como um acompanhamento visual para as palavras, uma inspiração ou auxílio para a imaginação, com o objetivo de enriquecer a experiência da leitura. Porém, no caso dos livros ilustrados, as palavras e as imagens se completam, para dar um significado geral à obra; nem as palavras, nem as imagens, quando utilizadas isoladamente, fazem algum sentido. Elas funcionam em uníssono. Estes livros apresentam uma relação dinâmica entre palavras e imagens. Muitas vezes, essa dualidade pode ser na forma de uma dança divertida, onde as imagens e as palavras podem flertar umas com as outras, ou se contradizerem. Cada vez mais, as fronteiras entre palavra e imagem estão sendo desafiadas, visto que as próprias palavras, em muitos casos, tornam-se elementos pictóricos; o resultado é um texto visual. (SALISBURY; STYLES, 2013, p. 2013).

A título de esclarecimento, uma vez que não há obras dessa natureza na reflexão em questão, é importante dizer que fazem parte da categoria de livros ilustrados os livros-imagem, cujas narrativas são construídas exclusivamente com imagens (ilustrações, colagens, fotografias), tomando o espaço da página e a materialidade do objeto (formato, papel) como elementos narrativos. Nestas elaborações, cada detalhe é carregado de intencionalidade, mesmo que de forma aparentemente intuitiva.

### 3. CRIANÇAS À DERIVA: NARRATIVAS DA E SOBRE A INFÂNCIA REFUGIADA EM QUATRO LIVROS ILUSTRADOS PUBLICADOS NO BRASIL

Dentre as muitas imagens relacionadas ao tema dos refugiados, as dos deslocamentos, por terra e água, principalmente, chamam especial atenção. Nelas estão impregnadas as sensações de errância e de perenes esperas, como se as vidas das pessoas que buscam um lugar no mundo estivessem suspensas no tempo. Nos livros para a infância, os caminhos e as realizações de deslocamentos, incluindo as tentativas de instauração de alguma normalidade que oriente as vidas das pessoas em marcha, especialmente as das crianças, principais personagens de tais narrativas, são os temas mais presentes.

É nesta perspectiva que apresentamos e analisamos quatro livros ilustrados sobre refugiados publicados para o público infantil no Brasil, nos últimos dez anos, tendo como interesse a representação das crianças em deslocamentos, com histórias narradas por elas mesmas. Ainda que a voz infantil se estabeleça na escrita e na ilustração de autores adultos, é relevante refletir sobre uma pretensa percepção das crianças acerca de sua condição de refugiadas a caminho de um lugar desconhecido. O exercício do olhar e da voz infantil revela, indubitavelmente, concepções de

infância, na medida em que estrutura modos de ver, sentir, dizer e agir das crianças imaginados por adultos. Dito de outra maneira, o personagem infantil narrador materializa o que escritores e ilustradores compreendem como infância.

É preciso ressaltar que, entre muitos livros sobre o tema disponíveis no mercado editorial no país, foram escolhidos livros ilustrados que tenham como narrativa central os deslocamentos de refugiados e como narradoras personagens crianças. Tal escolha se deve à simbologia das andanças errantes de refugiados pelo mundo, especialmente nas rotas entre África e Europa. E, ainda, ao interesse em compreender criticamente a construção da infância pelo olhar adulto, mesmo que em vozes infantis.

O livro *A viagem*, de Francesca Sanna, foi publicado no Brasil em 2016 pela editora Vergara & Riba. É narrado por uma menina que vê sua vida e a de sua família se alterarem por causa de uma guerra. No primeiro momento, a família deixa de ir a uma cidade perto do mar no verão, mas logo coisas ruins começam a acontecer todos os dias e tudo se torna um caos. A guerra leva o pai da menina e a vida se torna ainda mais difícil. Ao saber que muitas pessoas estavam tentando fugir para um país distante com grandes montanhas, sua mãe decide partir também. A mulher explica às duas filhas pequenas, que não queriam ir embora de sua casa, que no novo país, onde há cidades, florestas e animais estranhos, elas ficarão seguras e não sentirão mais medo. Com as malas prontas, despedem-se de quem fica e começam a viagem. Ao longo do caminho, mudam algumas vezes de meio de transporte, deixando o carro próprio e a bagagem para trás. Chegam à fronteira e se deparam com um muro enorme e com um guarda assustador, maior ainda. Escondem-se, assustadas, na floresta, mas se sentem seguras, protegidas pela mãe. Com a ajuda de um homem e algum dinheiro, conseguem cruzar a fronteira e começam uma nova viagem, dessa vez por mar, em um barco cheio de gente:

O barquinho chacoalhava bastante à medida que as ondas cresciam mais e mais. Parecia que o mar não tinha fim. Contávamos novas histórias. Histórias sobre a terra que nos esperava, onde havia imensas florestas verdejantes, cheias de fadas gentis que dançavam e nos brindavam com palavras mágicas para acabar com a guerra. (SANNA, 2016, p. 34)

Depois de dias sem ver terra firme, elas desembarcam e continuam a viagem, dessa vez em um trem, de cuja janela a pequena narradora observa os pássaros em voo, “emigrantes como nós”, com viagens longas, mas com liberdade para atravessar fronteiras, diz a menina, desejando que um dia, como os pássaros que vê pela janela

do trem, “conseguimos encontrar um novo lar. Um lar onde possamos ficar seguros e recomeçar nossa história.” (SANNA, 2016, p. 40).

As ilustrações criam intensidade e nuances para o texto verbal, oferecendo informações que escapam às palavras. O medo da guerra e a tristeza da mãe com as crianças, por exemplo, são criados pela imagem de gigantescas mãos negras que avançam sobre elas, ao lado de um retrato da família completa. Objetos perdidos – óculos, chinelo, uma peça de roupa, um ramo de pequenas flores – em uma dupla de páginas negras anunciam, com o texto, a morte do pai. O sonho de um novo lar e a estranheza das paisagens anunciadas – cidades, florestas e animais estranhos – ganham vida em desenhos de grandes animais, alguns com expressões acolhedoras e outros com olhares pouco amigáveis, e vegetação exuberante. As malas, que simbolizam a memória que mãe e filhas tentam levar consigo, e acabam deixando pelo caminho, são muitas e enormes, sugerindo as dificuldades de levar com elas tudo o que consideram importante.

Na viagem, o carro próprio, dirigido pela mãe e com toda a bagagem a bordo, rapidamente é trocado por outros, onde as três viajam em meio a mercadorias – vasos de cerâmica, frutas e legumes –, já sem as suas muitas malas. Embora o texto verbal não narre, elas também viajam de bicicleta, com a mãe pedalando e levando as crianças, que dormem, em um pequeno carrinho puxado por cordas. O guarda que as barra na fronteira é imenso e assustador, reforçando o sentimento de medo. A segurança da mãe, certeza da pequena narradora, que se sentia completamente protegida pela mulher, se desfaz em lágrimas nas ilustrações, enquanto as crianças dormem em seu colo, na noite escura no meio da floresta: “Mas estávamos com a mamãe e ela nunca ficava assustada. Fechamos os olhos e, enfim, dormimos.” (Sanna, 2016, p. 25). A escrita híbrida de texto e imagens cria uma terceira narrativa para *A viagem*, convidando os leitores a outras experiências com o livro.

*Para onde vamos*, de Jairo Buitrago e Rafael Yockteng, publicado no Brasil pela editora Pulo do Gato, em 2016, é narrado por uma pequena menina que viaja com seu pai. Ela gosta de contar o que vê e faz isso enquanto se deslocam de um lugar para outros: cinco vacas, quatro galinhas, um coio, um burrinho aborrecido e cinquenta pássaros no céu. Ela registra também as muitas pessoas que encontram pelo caminho, vivendo nas estradas. Suas viagens são frequentemente interrompidas porque seus guias nem sempre podem levá-los aonde querem ir. Dorme enquanto viajam e, para passar o tempo, observa as nuvens, tentando encontrar desenhos familiares nelas. A menina não sabe para onde está indo, pois, apesar de perguntar com frequência, ninguém lhe responde. Isso é o que narra o texto verbal.

As ilustrações de *Para onde vamos* são essenciais para a construção de sentidos da narrativa, pois elas oferecem aos leitores as informações necessárias e complementares ao texto para a compreensão da história que está sendo contada. As imagens revelam que a viagem mencionada pela pequena narradora é, na realidade, uma constante tentativa, muitas vezes frustrada por soldados e cães, de chegar a um outro país (embora não haja essa informação no livro, as características dos personagens e dos lugares por onde pai e filha passam sugerem que se trata das fronteiras entre o México e os Estados Unidos). Embarcações precárias em rios de águas turbulentas fazendo a travessia de pessoas, placas indicando fronteiras, acampamentos em estradas que margeiam trilhos ferroviários, pessoas viajando amontoadas no teto de um trem e em fuga por causa da chegada de policiais, muros altos e extensos marcando o limite entre dois territórios e um coioote como constante companhia de pai e filha, que além de um animal parecido com um cão, é como são chamadas as pessoas que conduzem ilegalmente, cobrando muito dinheiro pelo serviço, imigrantes de um país para outro, especialmente em regiões de fronteiras muito vigiadas.

A narrativa visual também mostra os esforços do pai para proteger a filha das hostilidades do caminho. Apesar do visível cansaço, ele brinca e observa as nuvens com a menina, encontra abrigo seguro para ela quando precisa trabalhar para ganhar algum dinheiro e permite que, mesmo com todas as dificuldades, ela leve consigo dois coelhos que ganha de uma criança com quem desenha e brinca enquanto o homem trabalha, livrando-se dos pequenos animais tão logo a menina adormece em mais um deslocamento, dessa vez na carroceria de uma caminhonete, que tem o coioote como um de seus condutores, sentado na cabine do carro. Na dupla de páginas final, os dois coelhos brancos dispensados pelo homem correm em uma área desértica, que tem à frente um imenso muro. As imagens dos coelhos e do muro encerram a história da mesma maneira com que a esperança de muitos refugiados é desfeita em fronteiras.

*O caminho de Marwan*, de Patricia de Arias e Laura Borrás, publicado no Brasil pela editora Trioleca, em 2017, foi editado originalmente no Chile. Um menino narra seu deslocamento pelo deserto, com centenas de pessoas, depois que “eles”, que não são identificados no texto, fizeram com que a noite ficasse mais fria e mais escura e invadissem sua casa, seu jardim e seu povoado. No desconhecido caminho, ele, que veste roupas remendadas e carrega uma bolsa pesada, um livro de orações, um caderno, um lápis e uma foto de sua mãe, deixa parte de quem é: “Caminho e minhas pegadas vão deixando um rastro de histórias antigas, de canções da minha aldeia, de cheiro de chá e de pão, de jasmim e de terra” (Arias, 2017, p. 6). Nas noites

frias, ele se lembra de sua casa com jardim e um gato, onde a mãe acendia o fogo e o pai contava histórias. Em meio a um formigueiro de gente a atravessar o deserto, Marwan caminha sem olhar para trás, buscando a fronteira que está “lá adiante” e sonhando um dia voltar para casa e reconstruir a vida que perdeu.

As imagens ampliam o que o texto narra: mostram que o lar, forçadamente abandonado por Marwan, fica em algum lugar do Oriente Médio, revelado pela memória invocada da arquitetura das casas, pelas roupas e utensílios dos personagens, assim como por suas características físicas. As ilustrações contam, ainda, que o que o menino nomeia como uma noite mais fria, escura e profunda foi causada por soldados com expressões hostis ou indiferentes em um tanque de guerra. O caminho se torna mais longo e árido nos desenhos de muitos pés descalços, andando sobre um chão de terra, e de cercas de arame farpado, que dividem as pessoas que caminham com o menino das possibilidades guardadas por um inalcançável “lá adiante”, um lugar rico, com muitos carros e prédios altos, também mostrados pelas imagens.

Apesar de toda a brutalidade por que passa – a fuga de casa e de seu povoado por causa de uma provável guerra civil, a separação de sua família e de sua história, a exaustiva caminhada e uma promessa de acolhimento sempre “lá adiante” –, o pequeno Marwan permanece esperançoso e desejoso de rever e de refazer o seu lar, de voltar para o lugar de onde foi expulso e obrigado a seguir com estranhos, sem a sua família, da qual tudo o que texto e ilustrações contam é que não está com o menino.

*Barco de histórias*, de Kyo Maclear e Rashin Kheiriyeh, foi publicado pela editora Companhia das Letrinhas, em 2021. Uma menina em deslocamento com sua família e com outras pessoas, sempre junto de quem parece ser seu irmão menor, tenta fazer do caminho estranho e hostil uma experiência minimamente acolhedora. A partir da afirmação inicial “Aqui estamos nós”, ela toma a palavra “aqui” como elemento de significação no cotidiano do grupo, especialmente em sua relação com o irmãozinho. Assim, “aqui” é uma xícara com algo quente, que permite que eles se sentem para tomar um gole, enquanto o mundo continua em movimento, trazendo ao momento um sentimento de lar. Assim como a xícara, o cobertor fofinho que cobre as duas crianças, ela e o irmão, sob o olhar da mãe que amamenta um bebê, produz a sensação de conforto, ao mesmo tempo que se faz uma vela para o navio que se tornou a xícara. Com a consciência de que “aqui” é um lugar sempre provisório, a pequena conta como a aridez da caminhada com destino incerto é transformada em vida comum: desenhos, escritas e histórias sob a luz de uma lanterna, uma roda de cantoria sob o céu estrelado, a convivência com o grupo: “Toda semana,

nós sonhamos e desenhamos, criamos e brincamos, procuramos por tesouros, encontramos nosso caminho e crescemos. E esperamos e esperamos e esperamos, acrescentando palavras a esta história.” (Maclear, 2021, p. 36).

As imagens criam uma nova dimensão para o texto verbal. Já na primeira dupla de páginas, em um bosque com árvores sem folhas por causa do frio, com pássaros pretos em sobrevoo no céu alaranjado e o chão coberto por neve, uma fila de pessoas, todas bem agasalhadas, caminha. Os adultos carregam malas e bebês. Uma mulher empurra a cadeira de rodas de uma menina. As crianças levam suas mochilas. A fila segue presente nas páginas seguintes e elementos comuns a pessoas em deslocamentos forçados se apresentam: pequenos carrinhos que levam crianças e malas, animais de estimação, barracas, lanternas, colchões, fogueira, um barco inflável...

A xícara, o cobertor e a lanterna já mencionados se tornam, na fantasia da pequena narradora, imagens de barco, vela e farol para sua jornada, povoando o “aqui” do grupo. É esse povoamento, narrado pela menina, que permite que aquelas pessoas continuem a caminhar e tenham coragem para se arriscar em uma pequena embarcação para mais uma incerta travessia, que se faz, então, um novo “aqui”.

### 3.1. CRIANÇAS A CAMINHO: REPRESENTAÇÕES DA INFÂNCIA REFUGIADA

A representação da infância em situação de refúgio, tal como proposta neste artigo, pode ser considerada em duas perspectivas que se enlaçam: a primeira delas, mais óbvia, toma como elementos de análise as características das personagens, sua agência e comportamento nos deslocamentos forçados a que são submetidos os pequenos. Neste caso, não se pode perder de vista que as meninas e o menino que narram as histórias estão investidos de uma autoria adulta, o que significa que no horizonte estará, indiscutivelmente, a projeção de uma imagem ideal de criança, como é próprio desta literatura. Na segunda, o que se tem em vista é a representação do leitor infantil, que é pressuposto pela história que é contada, em forma e conteúdo.

O fato de as crianças serem as narradoras de histórias que escapam a um ideal de infância protegida, fugindo às expectativas sociais, já pressupõe a desconstrução de idealizações, pois elas assumem a autoria de suas memórias e trajetórias, tomando para si as escolhas do que e de como contar, valendo-se até mesmo do direito de fantasiar.

Com gradações de intensidade nas narrativas de suas experiências, feitas com texto e ilustrações, elas não se eximem de falar do medo, da dor, do desamparo,



da tristeza, da solidão e também da esperança que sentem, presumindo que quem idealmente as lê, isto é, outra criança, está apta a esta partilha.

Em *Para onde vamos* e *Barco de histórias*, há uma suavização da vida difícil levada por pessoas e grupos que se deslocam em busca de um novo lar, mesmo que a hostilidade de tal condição se faça sentir em sutilezas do texto e das imagens. Em ambas as obras, ainda há tempo e espaço para as brincadeiras e a observação das nuvens e das estrelas, no primeiro, e para a leitura, a escrita e a escuta de histórias, além das rodas de cantoria, no segundo. A imaginação e a brincadeira se colocam como elemento indissociável da infância, mesmo em condições extremas.

Em *A viagem* e *O caminho de Marwan* as crianças são narradas em situações-limite, em que sua segurança é ameaçada de maneira ostensiva. As meninas que viajam com a mãe, sem opções, se submetem às condições existentes para a fuga, pegando caronas com motoristas desconhecidos e tendo que confiar em atravessadores; enfrentam a floresta fria e escura, transpõem fronteiras sem saber o que vão encontrar do outro lado. Mas a presença da mãe, ainda que exausta e amedrontada, dá segurança às crianças, fazendo com que tudo pareça menos tenebroso.

Já o pequeno Marwan se desloca sem a família, com muitas pessoas, aparentemente desconhecidas, depois de ter sua casa invadida por soldados. A lembrança da mãe, materializada em uma fotografia, conforta o menino e sustenta a esperança de um dia voltar para casa. A solidão se impõe como um elemento a mais de fragilização do menino e pode ser tão dura quanto o enfrentamento da floresta e do mar bravio.

Além da representação da infância em livros ilustrados sobre o tema, tais obras criam também representações de leitores, uma vez que apostam na inteligência e sensibilidade das crianças para ler ou ouvir a leitura das tristes histórias que estão sendo contadas. É no horizonte da criação literária, na produção para crianças estruturada por texto verbal e ilustrações, que as representações são convergentes: narrativas sobre experiências concretas de deslocamentos forçados, ainda que ficcionais, oferecem-se a pequenos leitores sensíveis e disponíveis para sua leitura.

Em um contexto de recrudescimento do conservadorismo no Brasil e no mundo, em que direitos humanos são questionados à luz de visadas econômicas e de discursos que propagandeiam o medo de determinados grupos sociais, entre eles os refugiados, livros ilustrados que contam histórias de crianças em situação de vulnerabilidade, em função de deslocamentos forçados por causa de guerras e perseguições políticas e religiosas, tiram da invisibilidade no meio infantil a vida de milhares de crianças que, como as personagens em questão, estão submetidas à errância e a

violências físicas e simbólicas em estradas, desertos, travessias marítimas, campos de refugiados e até mesmo nos países que as acolhem.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Narrar a infância em suas singularidades, individuais e coletivas, contribui para a visibilidade de existências concretas de crianças e para a reflexão sobre suas condições de vida, muitas vezes deixadas ao sabor do duro chão do senso comum.

Em face de sua presença na contemporaneidade, ainda que no Brasil isso seja relativamente menos significativo do ponto de vista quantitativo que em países europeus, a produção editorial brasileira para crianças sobre o tema ainda é acanhada, tanto no que toca ao volume de publicações, quanto nas histórias que são contadas.

Um breve levantamento sobre a literatura infantil, de autoria brasileira ou traduzida de outras línguas, com o tema de migrações forçadas e refúgio aponta para um pequeno número de obras disponíveis no país. Por sua vez, os livros que estão disponíveis contam histórias semelhantes, confirmando aproximações entre pessoas e grupos que abandonam seus países em busca de melhores condições de vida, mas certamente deixando de lado especificidades de famílias que com suas crianças tentam atravessar fronteiras e encontrar amparo em países como o Brasil, por exemplo.

Um olhar ampliado para o tema mostra que entre as crianças refugiadas ainda há muitas sub-representadas. Obviamente esta afirmação extrapola o recorte feito neste artigo, que deixou de lado muitas histórias de crianças em situação de refúgio quando elegeu como objeto de interesse seus deslocamentos, ainda assim em um número reduzido de publicações.

No momento em que milhões de pessoas, entre elas um grande número de crianças, vivem em compasso de espera, à deriva em estradas, desertos e travessias marítimas, correndo grandes riscos, em busca de um lugar no mundo, é urgente que suas histórias sejam tomadas como matéria literária, não para ensinar isto ou aquilo para as crianças, mas sim como narrativa do horror que é o desamparo de tanta gente em um mundo que produz e acumula riquezas como nunca.

As histórias contadas em *A viagem*, *Para onde vamos*, *O caminho de Marwan* e *Barco de histórias* talvez sejam um tanto distintas das de Boubacar, Aguibou, Bryan e Adije, mas não são menos importantes ou reais, uma vez que convidam os pequenos a conhecerem existências distintas das suas, porém próximas em função da infância em alguma medida comum.

## REFERÊNCIAS

- ACNUR. **Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados**. Genebra: 1951. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/convencao-de-1951/>. Acesso em: abril 2024.
- ACNUR. **Declaração de Cartagena**. Cartagena: 1984. Disponível em: [https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD\\_Legal/Instrumentos\\_Internacionais/Declaracao\\_de\\_Cartagena.pdf](https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Declaracao_de_Cartagena.pdf). Acesso em: abril 2024.
- ANDRUETTO, María Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos**. Tradução: Carmem Cacciacarro. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- ARIAS, Patricia de. **O caminho de Marwan**. Ilustrações: Laura Borrás. Tradução: Roseana Murray. São Paulo: Trioleca Casa Editorial, 2017.
- BUITRAGO, Jairo. **Para onde vamos**. Ilustrações: Rafael Yockteng. Tradução: Márcia Leite. São Paulo: Pulo do Gato, 2016.
- CESARE, Donatella Di. **Estrangeiros residentes: uma filosofia da migração**. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.
- MACLEAR, Kyo. **Barco de histórias**. Ilustrações: Rashin Kheiriyeh. Tradução: Lígia Azevedo. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.
- PONSOWY, Mori. No rastro de Boubacar: escutando os refugiados africanos na Europa. **Revista Piauí**, São Paulo, n. 142, julho de 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/no-rastro-de-boubacar/>. Acesso em: abril 2024.
- SANNA, Francesca. **A viagem**. Tradução: Fabrício Valério. São Paulo: Vergara e Riba Editoras, 2016.

## SOBRE A AUTORA

**Fabíola Ribeiro Farias** é doutora e mestre em Ciência da Informação pela UFMG, com pós-doutorado em Educação pela UFOPA e em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG. Desde 2010 é leitora votante da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ.

*E-mail:* [fabirfarias@yahoo.com.br](mailto:fabirfarias@yahoo.com.br).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3139-1038>.

*Recebido em 06 de novembro de 2024 e aprovado em 22 de novembro de 2024.*